



A APLICABILIDADE DO MÉTODO AUDIOLINGUAL: SERIA UMA OPÇÃO PARA A COMUNIDADE MIDIÁTICA?

Maria Eduarda Vieira de Souza, eduarda.vsouza@upe.br
Willian Felipe Dias da Silva, willian.dias@upe.br
Orientadora: Gisele Pereira de Oliveira, gisele.oliveira@upe.br

RESUMO

O ensino de língua inglesa, assim como o de línguas estrangeiras em geral, esteve propício a diversas contribuições ao longo destes últimos séculos. Nesse sentido, nosso trabalho visa apresentar as características do método audiolingual, assim como, relacionar sua aplicabilidade com a contemporaneidade das mídias sociais à luz das contribuições do teórico Luciano Oliveira. Diante de um mundo globalizado os alunos/ clientes estão cada vez mais em busca de uma segunda língua, sendo assim detalharemos como isso irá ocorrer de acordo com o método audiolingual.

Palavras chave:

Ensino de língua inglesa, Método Audiolingual, Mídias Sociais.

INTRODUÇÃO

O contexto linguístico do qual compartilhamos encontra-se fortemente ligado à uma relação cada vez mais próxima entre a língua materna e influências de outras línguas modernas. Com a disseminação das hipermídias, a socialização das mais variadas ferramentas tecnológicas que administram a nossa rotina atual, a globalização estabeleceu um cenário de grandes “compartilhamentos linguísticos”. A influência de uma língua estrangeira, mais precisamente da língua inglesa, nunca se viu tão forte e consistente em nosso país e no mundo. Com a facilidade de criarmos e de disseminar nosso conteúdo para uma ampla audiência, surgiu a necessidade de apresentarmos um discurso cada vez mais globalizado. A língua materna apenas não basta para esta geração que anseia dominar o mundo com as redes sociais.

Diante deste cenário, surge em nós a necessidade de dominar uma língua estrangeira, mas também, com este anseio, surge uma série de estigmas construídos na educação básica. Os alunos/clientes encontram-se perdidos entre as tantas propostas existentes e não possuem as informações necessárias para escolher qual o melhor caminho para se aprender este novo idioma. É sabido que o processo de aprendizagem geralmente é construído em conjunto, seguindo um modelo geral, com características comuns a todas as outras escolas. No entanto, ampliando esta percepção, será possível perceber diversas técnicas, métodos, abordagens e estratégias existentes para atender a cada indivíduo e com isto, gera-se a questão: “qual a melhor maneira para que eu aprenda este idioma?”.

Para Bakhtin, todas as atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem, considerando esta capacidade como uma extensão do nosso ser, sendo algo indispensável às relações que possuímos, como observa-se neste trecho, Segundo Bakhtin “*a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*”(BAKHTIN, 1997, p.124).

De fato, possuímos na contemporaneidade uma variedade extremamente plural para que estes alunos/clientes possam escolher o que melhor lhes convêm. Com isso, percebemos a necessidade de analisarmos o método audiolingual a fim de discutirmos algumas questões: seria uma boa opção para esta geração? Ele atende às nossas expectativas? Quais os pontos positivos e negativos? Todos estes e outros questionamentos visam ser discutidos neste trabalho cuja disciplina teve por objetivo caracterizar, individualizar e distinguir os principais métodos já desenvolvidos e reproduzidos no ensino de idiomas ao longo dos anos/séculos.

DIFERENCIANDO MÉTODO, ABORDAGEM E TÉCNICA

Durante longos anos de estudos, ao lidar com o termo método permanecia uma ideia muito vaga ao relacionarmos a abordagem e técnica, tudo isso devido à historicidade dessas definições. Após muitas explanações sobre a classificação e definição dos termos possuímos uma explicação sobre o que de fato significa esse termo. Sendo assim, segundo Jack Richards e Theodore Rodgers (1994), o método é: “*Conjunto de princípios teóricos, princípios organizacionais e ações práticas que norteiam a estruturação de um curso, os planejamentos de aulas, a avaliação da aprendizagem e a escolha de materiais didáticos*” (apud OLIVEIRA, 2014, p. 66). Em relação à sala de aula, é tudo o que o professor precisa estudar para planejar e adaptar para que seu aluno consiga tirar melhor proveito para aprender o que está sendo ensinado. Mas se engana quem acha que abordagem e técnica não estão juntos ao método, pois estes três componentes são

Eixo Temático ou GRUPO 1 - Mediação didática e pedagógica

pilares no desenvolvimento do ensino de uma L2. Devido a isto, suas conceitualizações e distinções tornam-se necessárias.

Por esse motivo é necessário que se entenda o que vem a ser a abordagem, que para Oliveira: “É o sustentáculo teórico do método. Ela é formada por uma teoria de língua, que aponta para uma forma de se conceber a língua e por uma teoria da aprendizagem, que aponta para uma forma de conceber a aprendizagem” (OLIVEIRA, 2014, p. 67). Pode-se dizer que a abordagem é o arcabouço teórico da aprendizagem, que se torna um passo fundamental para as práticas em salas de aula chegarem ao seu objetivo final.

Seguindo com as definições, a técnica, de caráter individual ao docente/professor, consiste na aplicação dos conteúdos, também foi atribuída a nomeação de “procedimentos” por Jack Richards e Theodore Rodgers (1994), que traz como conceito atividades específicas que irão ser utilizadas no processo de ensino e que devem estar de acordo com o método e a abordagem. Em suma, poderíamos dizer que trata-se do modo de fazer que cada docente encontra como melhor opção a ser utilizada.

Sendo assim, de forma geral, o método, de caráter processual, relaciona-se ao processo que guiará a aprendizagem destes alunos/clientes e consiste na estruturação do curso, aliando-se às expectativas dos indivíduos, particularidades do grupo, fins linguísticos, bagagem cultural, entre outros. A abordagem, por sua vez, trata-se de todos os elementos que orientam os primeiros passos a serem seguidos pelo docente em sala de aula, além de referir-se aos hábitos construídos com a turma. A técnica, por sua parte, é construída a partir da autonomia delegada ao professor, surgindo a partir de seu *feeling*. Tendo em vista essas três conceitualizações, é importante que tenhamos em mente que tudo isso funciona de forma fluida e de acordo com cada profissional. Para aprofundarmos ainda mais essas questões, iremos dar enfoque ao método audiolingual, em suas particularidades e no legado deixado para a contemporaneidade acerca do ensino de línguas estrangeiras – mais precisamente do de língua inglesa.

APRESENTANDO O MÉTODO AUDIOLINGUAL

Com os grandes avanços tecnológicos já desenvolvidos no início do século XX, a população ansiava um domínio maior das línguas estrangeiras. Seja por desejo ou necessidade de interagir socialmente em uma L2, seja porque os métodos já desenvolvidos não satisfaziam a boa parte daqueles estudantes de línguas, com isso, surge naquele cenário uma considerável demanda de pesquisas para o desenvolvimento do melhor método, da proposta mais

Eixo Temático ou GRUPO 1 - Mediação didática e pedagógica



inovadora e do método que melhor atendesse aquele contexto. Mas qual era o contexto desse início do século XX? Então, temos como marco inicial a Primeira Guerra Mundial que reconfigurou as atividades e o modo de viver de diversos países e comunidades linguísticas. Com a necessidade de ampliar o poder bélico dos exércitos, era comum a inclusão de homens das mais variadas etnias: latinas, indígenas, entre outras.

Diante disso, surge como proposta o método audiolingual com a promessa de atender às necessidades daqueles estudantes/clientes pertencentes àquele contexto. É importante sabermos que além da denominação aqui apresentada, este método, o audiolingual, foi igualmente conhecido como “método de guerra”. Com a introdução do *Army Specialized Training Program* (Programa de Treinamento Especializado do Exército), que tratou de fortes investimentos no ensino e em pesquisas na área de línguas estrangeiras, se tinha por finalidade construir um método capaz de reduzir a quantidade de tempo antes necessária para o domínio de um novo idioma.

De acordo com estas expectativas, a construção do método audiolingual teve como características: a) a utilização da teoria behaviorista na adoção de sua prática, cuja lógica baseia-se num processo de estímulo/repetição – para os behavioristas, o processo de aprendizagem constitui-se na reprodução e repetição, no ensino desenvolvido por meio hábitos de íntegra mecanização; b) os conteúdos, aprendidos por ordem de complexidade, também caracteriza este método cuja finalidade baseava-se no domínio de um novo idioma em um período menor de tempo. Em sequência, outros aspectos a serem atribuídos para este método, são: c) a concepção de língua como um sistema a ser dominado, seguindo os moldes estruturalistas, temos como elementos gramaticais o fonema, o morfema, a palavra e a sentença; d) e, da mesma forma, a visão do erro como algo negativo – ainda que isto possa ser algo comum na concepção de alguns estudantes, é necessário compreendermos que no processo de ensino-aprendizagem o erro é algo inevitável. Sendo assim, por que enxergarmos como algo negativo? No entanto, esta era a visão adotada, pois tinha-se como objetivo tornar os alunos/clientes proficientes na língua estrangeira em nível de equivalência aos falantes nativos – meta esta de difícil realização, pois sabemos a complexidade de tal temática. Isso também se baseia na premissa behaviorista de que a língua também é constituída de hábitos e bons hábitos significava boa fluência. Então, o erro é visto como um mau hábito que deve ser corrigido imediatamente – ideia de reforço para o que é certo e correção imediata para evitar a reincidência do erro.



Um outro princípio a ser discutido acerca deste método é sobre os papéis do docente na execução de tais características já apresentadas – e que constituem o modelo deste método. O professor, nesse contexto, precisará sustentar o compromisso de ser para aqueles estudantes um modelo a ser seguido. E, em sequência a isto, cabe aos demais alunos/clientes seguirem todos os comandos orientados pelo professor, absorvendo, tendo-o como referência, memorizando as sentenças e reproduzindo-as em seguida – em virtude da mecanização.

O QUE SERIA APRENDER E DOMINAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?

Ao estudarmos o processo de como se desenvolveu a introdução dessas línguas estrangeiras no Brasil, é notório que os vieses econômico e político estão à frente do conhecimento cultural que essas línguas possuem. Partindo desse pressuposto, torna-se compreensível a relação que o período histórico implica na escolha do idioma e na forma que este será introduzido e ensinado.

Ao questionarmos sobre o que é ensinar Oliveira afirma que “*grosso modo, podemos conceber o ato de ensinar de duas maneiras distintas: transferência de conhecimentos e facilitação de aprendizagem*” (OLIVEIRA, 2014, p. 23). Esse primeiro conceito já traz uma problemática enorme, pois o professor não pode apenas ter essa incumbência: este deve notar o estudante como ser pensante, levar em consideração o conhecimento prévio e, a partir disso, entender que esse papel de transferir conhecimento se torna um mito (apesar de repercutir até hoje) – já que a construção de conhecimento deve ser compartilhada. O segundo conceito também remete bastante ao que o aluno espera aprender com um dado conteúdo, e como o professor pode fazer com que o aluno se mantenha interessado no assunto, ou como aquela temática pode ensinar algo para o discente. E tudo isso vai depender do foco que o aluno gostaria de obter com essas aulas, seja dominar a escrita, a competência oral ou demais habilidades.

Então o que seria aprender? Para Oliveira: “*aprender é um processo de transformação do indivíduo*” (OLIVERIA, 2014, pág. 27), ou seja, é um conjunto de saberes, experiências, trocas de conteúdo dentro ou fora de sala de aula que permeia essa constituição do conhecimento, pois aprender é um exercício diário – ainda mais se tratando de uma língua estrangeira. Para isso, é importante sabermos que os interesses para dominar tal habilidade são diversos, enquanto um aluno deseja “apenas” passar numa prova, outro anseia apenas pela oralidade, assim como, outro pode desejar compreender com mais atenção a gramática daquela língua. Por este motivo, acreditamos que o ensino e aprendizagem de uma L2 associa-se à vias de múltiplos destinos.



Sendo assim, o que seria aprender e dominar uma língua estrangeira? Estamos em contato com uma L2 há muito tempo, mesmo antes de entrarmos numa escola ou cursinho de inglês, seja ao ouvir uma música, ou ao utilizar termos que não existem em nossa língua materna, Língua Portuguesa. Mas quando entramos numa escola, por exemplo, como alunos, devido a todo um conjunto de normas escolares o estudante aprende que aquilo é uma matéria, e que para passar de ano precisará de uma nota boa, de fato, de um modo ou outro esse aluno vai aprender os mecanismos, conteúdos, gramática, possivelmente irá aprender um pouco a forma oral daquela língua, mas ao sair da escola esse conhecimento não será mais tão necessário.

Quando se trata de dominar uma língua, existirão mais motivos além de simplesmente passar numa matéria escolar. As pessoas buscam esse domínio para conhecer novas culturas, viajar para outros países, entender o que sua letra de música favorita quer dizer, compreender os diálogos da sua série favorita, está apto para toda aquela comunidade – o que não significa dizer que aquele estudante se tornará um nativo, mas possivelmente ele irá ser proficiente naquela língua. Segundo Livia Cook, o falante nativo, se refere ao indivíduo que é o “*falante nativo da língua que aprendeu primeiro*” (apud OLIVEIRA, 2014, p. 45), ou seja, que fala o inglês (ou qualquer outra língua estrangeira) como sua primeira língua, ou que foi criado desde pequeno nesta língua e a utiliza como língua materna, enquanto o proficiente, segundo Oliveira é “*ser competente para se comunicar usando essa língua*” (OLIVEIRA, 2014, p. 59-60), ou seja, é o indivíduo que aprendeu inglês, consegue se expressar, entender de forma coerente e coesa e possui fluência na L2.

UMA ABORDAGEM SOBRE O CONTEXTO DAS MÍDIAS SOCIAIS

Após a criação do método audiolingual e de novos métodos de ensino sendo desenvolvidos para melhor satisfazer às necessidades dos alunos/clientes e de todos aqueles que necessitam e buscam aprender uma língua estrangeira, todo o contexto de mudanças se potencializou. A constante chegada de novas tecnologias e a consolidação das mídias sociais criaram uma necessidade ainda maior de se estabelecerem fortes relações com outros países, assim como de se desenvolverem habilidades em línguas estrangeiras.

Neste contexto, onde podemos receber mensagens instantâneas, interagir com indivíduos de outros países, planejar viagens para o exterior, fazer intercâmbios e estar a um clique de uma nova cultura, é notório que o domínio da oralidade, em sobreposição às demais

Eixo Temático ou GRUPO 1 - Mediação didática e pedagógica



habilidades em línguas estrangeiras, consiste em um desejo presente em grande parte de nossa sociedade.

AFINAL, O MÉTODO AUDIOLINGUAL SERIA UMA BOA OPÇÃO PARA QUEM?

Diferente de alguns métodos, o audiolingual enfatiza as estruturas gramaticais e consiste no ensino através de comandos e, devido a isto e outras de suas características já apresentadas neste trabalho, foi alvo de muitas críticas que desconsideravam sua importância no processo de pesquisas relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras. No entanto, ainda hoje temos os resquícios das contribuições deixadas por este método.

Algumas casas de idiomas sustentam a utilização de estímulos e comandos na promoção de seus métodos “inovadores”, que ainda buscam desenvolver em seus alunos/clientes as habilidades de uma L2 no menor período de tempo. O aluno, neste cenário, precisa conhecer-se bem e saber quais são as suas necessidades, pois, não existe um “melhor método”, mas sim um que melhor lhe convém. Ainda assim, estabelecemos que, provavelmente, as características deste método não sejam adequadas àqueles que priorizem o pragmatismo e a funcionalidade linguística, tendo em vista as características já abordadas sobre este método neste trabalho. De todo modo, este material se justifica na necessidade que os alunos/clientes reconheçam as características que compõem cada proposta de ensino e que, com isso, consiga escolher o que melhor atende às suas necessidades e seus propósitos.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997 (VOLOCHINOV, V. N).

OLIVEIRA, Amaral Luciano. 2014. *Métodos de ensino de Inglês: teorias, práticas e ideologias*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2014.